

FITOTERAPIA UTILIZADA EM COMUNIDADES AFRO-INDÍGENAS PARA ANIMAIS E PESSOAS

HERBAL THERAPY USED IN AFRO-INDIGENOUS COMMUNITIES FOR ANIMALS AND PEOPLE

Daniel de Azevedo Silva Costa^I, Sérgio Ricardo de Andrade Virgínio^{II}, João Vinicius Barbosa Roberto^{III},
Maria das Graças Nogueira Ferreira^{IV*}, Alisson Fernando Soares Batista^V, Maiza Araújo Cordão^{VI}

Resumo. A etnobotânica é o estudo etnográfico das plantas e ervas transmitido pela oratória de um determinado grupo étnico. A religião de matriz africana, o candomblé, guarda e transmite conhecimentos medicinais em suas práticas tais como uso de ervas e plantas que, em seu contexto bioquímico, têm eficácia contra diversas patologias clínicas. Com a indústria farmacêutica em crescimento, também é ampliado na ciência o contexto de pesquisa de novos fármacos e opções para o tratamento medicinal, surgindo assim a medicina fitoterápica. Além da redução do custo econômico, por se tratar de uma matéria-prima abundante, ou seja, muito presente até mesmo nos quintais de suas casas, a fitoterapia fornece uma variedade de opções terapêuticas eficientes para tratar patologias. O objetivo do trabalho foi identificar os conhecimentos medicinais fitoterápicos utilizados em algumas comunidades de matriz africana no município de João Pessoa-PB. Foram realizadas entrevistas, através de um questionário, com babalorixás e yalorixás do município. As informações coletadas dos sacerdotes trouxeram diversos conhecimentos como o uso do *O. basilicum* (manjerição) no tratamento de cólica em crianças recém-nascidas, problemas respiratórios e estomacais. Os conhecimentos fitoterápicos por sacerdotes em comunidades afro são amplos e aplicáveis no tratamento para várias patologias. 100% dos sacerdotes alegaram já terem usado ervas e plantas para tratar filhos da casa e 80% dos sacerdotes para tratar animais-não-humanos. Dentre as ervas e plantas citadas, algumas são: espinho-de-porco, são gonçalinho, tipi, mastruz, aroeira, caapeba, babosa, hortelã-pimenta, mirra, boldo, alecrim, manjerição. Já as doenças infecciosas tratadas foram as gastrointestinais, dores, feridas, até mesmo infecções mais complexas como a pneumonia. Observou-se que os sacerdotes utilizam diversas plantas e ervas medicinais para várias sintomatologias, desde usos tópicos a usos orais, tanto em humanos quanto em animais, o que nos traz a possibilidade do uso desses conhecimentos na medicina de saúde única.

Palavras-chave: Candomblé; Etnobotânica; Fitoterapia.; Matriz africana; Saber popular.

Abstract. Ethnobotany is the ethnographic study of plants and herbs passed down through the oral tradition of a particular ethnic group. The African-Brazilian religion, Candomblé, keeps and transmits medicinal knowledge in its practices, such as the use of herbs and plants which, in their biochemical context, are effective against various clinical pathologies. With the growth of the pharmaceutical industry, science is also expanding its research into new drugs and options for medicinal treatment, thus giving rise to herbal medicine. In addition to reducing economic costs, as it is an abundant raw material, i.e. widely present even in people's backyards, herbal medicine provides a variety of effective therapeutic options for treating pathologies. The aim of this study was to identify the medicinal herbal knowledge used in some African-Brazilian communities in João Pessoa-PB. Interviews were carried out, using a questionnaire, with babalorixás and yalorixás from the municipality. The information collected from the religious leaders revealed a wide range of knowledge, such as the use of *O. basilicum* (basil) to treat colic in newborn children, respiratory and stomach problems. The herbal knowledge of the African community's religious leaders is wide-ranging and applicable to the treatment of various pathologies. 100% of the priests claimed to have used herbs and plants to treat children of the house and 80% of the priests to treat non-human animals. Some of the herbs and plants mentioned were: thorny pigweed, wild sage, skunkweed, American wormseed, Brazilian peppertree, cow-foot leaf, aloe vera, peppermint, myrrh, boldo, rosemary, basil. The infectious diseases treated were gastrointestinal, pain, wounds and even more complex infections such as pneumonia. It was observed that the religious leaders use various medicinal plants and herbs for several symptoms, from topical to oral uses, both in humans and in animals, which gives us the possibility of using this knowledge in one health medicine.

Keywords: Candomblé; Ethnobotany; Phytotherapy; African origin; Popular knowledge.

^IBacharel em Medicina veterinária
e-mail: danielcostavetclin@gmail.com
CEP: 58067-695
ORCID: 0009-0006-4990-2867

^{II}Mestre em Filosofia
CEP: 58067-695, João Pessoa-PB, Brasil
ORCID: 0009-0008-0496-3468

^{III}Doutor em Medicina Veterinária
CEP 58051840
ORCID: 00000-0002-8101-998X

^{*IV}Enfermeira, mestre em Saúde da Família
e-mail: gau.ferreira@hotmail.com
CEP: 58068-050
ORCID: 0000-0002-8041-374X

^VGraduando em Medicina veterinária
CEP: 58031-010
ORCID:0009-0000-0233-2023

^{VI}Doutora em Medicina veterinária
CEP: 58067-695
ORCID: 0000-0002-5645-1869

INTRODUÇÃO

A Etnografia é um modo de investigação específica e ideográfica. Tal modo mostra ser diferente da história e da arqueologia, pois se utiliza da observação direta de povos atuais ao invés de registros escritos ou de restos materiais atestando as atividades de povos na Antiguidade. Ou seja, o objetivo da etnografia é o de descrever o estilo de vida das pessoas, através da observação detalhada e vivida intimamente no seio desses povos, sendo contada em minúcias a quem se dispôs a vivenciá-la¹.

Historicamente, o uso de plantas acompanha a evolução humana, tanto para a alimentação, como para a construção de moradias, confecção de roupas e, especialmente, para o tratamento de doenças em pessoas e em animais. Assim, desde o princípio evolutivo, o homem vem usando plantas para solucionar inúmeros problemas que lhe aparecem. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a prática do uso de plantas medicinais se reinventa dia a dia na cultura de nossa população. Consta-se que aproximadamente 80% da população mundial confia nos produtos à base de plantas medicinais para o tratamento de suas doenças na Atenção Primária à Saúde (APS), sobretudo, nos países em desenvolvimento².

No Brasil, o uso de plantas medicinais faz parte da prática dos cuidados aos desvios de saúde. Trata-se da chamada ‘medicina’ popular, que se constitui da rica diversidade étnica e cultural em saberes-fazer das famílias, na transversalidade intergeracional. O olhar sensível para essa diversidade motivou a elaboração da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS). Esta política delinea as diretrizes e linhas prioritárias à garantia do acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos³.

As práticas e saberes populares são empregados por muitos criadores e fazendeiros a fim de prevenir ou tratar enfermidades em rebanhos ou em animais de estimação. O uso desses conhecimentos e crenças populares relativos à saúde animal é denominado etnoveterinária, que pode ser definida como uma investigação teórica sistemática e aplicação prática do conhecimento popular veterinário⁴.

O objetivo dessa pesquisa foi identificar os conhecimentos medicinais fitoterápicos utilizados em algumas comunidades de matriz africana no município de João Pessoa-PB, para o tratamento em animais e pessoas.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado com babalorixás/yalorixás (sacerdote/sacerdotisa do culto do candomblé) que possuem seus templos religiosos em atividade, na cidade de João Pessoa – PB. O período da pesquisa compreendeu os meses de fevereiro a abril de 2023. Tratou-se de um estudo observacional com amostragem por conveniência, que visou como interesse coletar dados de uma população que se encontra disponível.

A pesquisa foi realizada à tarde ou à noite, já que dependia da disponibilidade do local e dos entrevistados, destacando que cada templo recebeu apenas uma visita para a entrevista e coleta dos dados. A pesquisa foi realizada em torno de cinco locais e estruturada na base da entrevista. Ou seja, os sacerdotes responderam perguntas do questionário, que subsidiou o objetivo da pesquisa, sobre seus conhecimentos acerca dos conhecimentos fitoterápicos. As questões foram direcionadas às práticas fitoterápicas e ao uso de ervas em seu contexto curativo.

A coleta de dados foi estruturada de modo que os participantes pudessem responder de acordo com seus conhecimentos e saberes populares aprendidos dentro da casa de axé. Os dados foram armazenados em planilhas próprias, para que não ocorresse vazamento de informações. A análise se constituiu em descritiva, com perfil estatístico o que permitiu a confecção de tabelas e gráficos.

A pesquisa foi realizada conforme disposições da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que trata de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012), assim como de acordo com o Código de Ética do Médico-Veterinário (Resolução CFMV n. 1138). O projeto inicialmente foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FACENE (CEP) e, após a sua aprovação com o protocolo N°05/2023 e o número do CAAE: 66832023.5.0000.5179, se iniciou a pesquisa com os sacerdotes e as sacerdotisas das casas de Ilê Asê. Para responder o questionário, os envolvidos foram submetidos a perguntas rápidas e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

De acordo com a resolução 466/2012, deve-se respeitar o sigilo na identificação do participante, por isso, o questionário foi individual. Cada formulário de perguntas teve seu Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) além da opção concordo e discordo nas respostas. Destaca-se que o acesso às questões só foi possível após consentimento firmado, deixando-os livres para não responderem o que não for de sua competência e vontade. Salienta-se aqui que todo esse processo de coleta de informações seguiu o que postula o Art. 4º da Resolução CNS nº 510 de 2016.19.

Após a coleta, os dados foram tabulados e confeccionados tabelas e gráficos para melhor visualização e discussão dos números observados, sobre o uso de plantas em animais e pessoas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os dados obtidos em relação ao tempo de iniciação dentro da religião, a idade foi variada e todos os entrevistados aprenderam dentro da religião sobre o uso de fitoterápico além de já terem utilizado em alguém os conhecimentos sobre as ervas. Foi observado que os sacerdotes tinham entre 26 e 50 anos de idade e sempre foram ensinados a utilizar as plantas medicinais para tratamento em pessoas e animais.

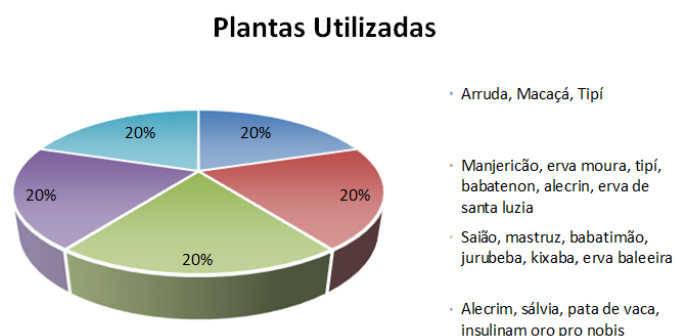
O uso de fitoterápico é bem-visto dentro da religião candomblé, visto que todos usam as mais variadas plantas. Em basicamente todo o sistema de crença das religiões de matriz africana, que se desenvolveram no Brasil, as plantas exercem um papel mediador entre os dois planos da existência: o aiê – mundo natural – e o orún – mundo sobrenatural. É através das plantas que são construídos canais que ligam os homens aos orixás e espíritos antepassados e vice e versa. Dentro do costume iorubá, por exemplo, as plantas são sagradas, pois nelas estão concentradas as forças vitais dos orixás. Desta forma, a ligação construída entre as plantas e os ritos sacros praticados nas religiões afro-brasileiras é de grande importância⁵.

Percebeu-se que a planta mais utilizada dentro da religião tem ligação com o seu habitat natural como, por exemplo, o uso do manjeriço. O manjeriço, nome popular do gênero *Ocimum*, pertence à família Lamiaceae e apresenta-se como uma erva aromática, produtora de óleo essencial com aplicação medicinal. Além da importância econômica pela produção do óleo essencial, também é muito consumida in natura ou como matéria-prima na indústria. É bastante conhecida por seu uso na culinária, tendo sua venda realizada em feiras e supermercados⁶, como também no tempero de alimentos, bebidas e com vasto uso na indústria de cosméticos e perfumaria⁶. O chá do manjeriço, (*O. basilicum*), é muito utilizado como tratamento de cólica em crianças recém-nascidas, problemas respiratórios e estomacais.

Segundo o trabalho de Cunha et. al. (2012), realizado in vitro, foi observado, durante a pesquisa, efeito significativo do óleo essencial de manjeriço (*Ocimum basilicum L.*) sobre o carrapato bovino *Rhipicephalus (Boophilus)*⁷.

Durante a pesquisa, observou-se que os sacerdotes das casas de candomblé utilizam várias plantas como fitoterapia (Gráfico 1).

Gráfico 1: Plantas mais utilizadas pelos sacerdotes como fitoterápicos



Dentre os dados coletados, havia plantas em comum. Várias espécies com alegações de uso popular, a exemplo do Tipi (*Petiveria alliacea* L.), pertencente à família Phytolaccaceae, conhecida popularmente por tipi, mucuracaá, guiné, é utilizada na medicina tradicional como antirreumática, antiespasmódica, diurética e com destaque a sua ação antifúngica, ainda que abordada em poucos estudos⁸.

Também foi observado em comum o Saião (*Kalanchoe cf. brasiliensis*) pertencente à família Crassulaceae. Essa espécie caracteriza-se por ser rica em alcalóides, triterpenos, glicosídeos, flavonoides, esteroides e lipídios, além de possuírem propriedades emolientes, mucilaginosas, tônicas e anti-inflamatórias⁹. Além dessas propriedades, outras espécies com composição química semelhante têm apresentado efeitos hidratantes, de proteção e reestruturação da função barreira da pele^{10,11}.

A maioria das plantas utilizadas pelos sacerdotes são de caráter terapêutico e anti-inflamatório, como em dores de dentes e articulações. Observa-se que são utilizadas para várias finalidades tais como, inflamações, infecções, dores, etc (Tabela 1).

Tabela 1: Doenças tratadas pelos sacerdotes, parte das plantas utilizadas e formas de utilização em que são utilizadas plantas fitoterápicas nos filhos das casas pelos sacerdotes.

Variável	N	%
Você tratou qual tipo de doença?	1	20
dor de ouvido, dor de dente, reumatismo, inflamação na garganta	1	20
Pele e ferimentos, gastrointestinais, gripes e resfriados, dores de cabeça, infecção nos olhos	1	20
Pele e ferimentos, gastrointestinais, gripes e resfriados, dores de cabeça	1	20
Pele e ferimentos, Gastrointestinais, Gripes e resfriados, dores de cabeça, diabetes, pressão alta, asma, pneumonia	1	20
Pele e ferimentos, gastrointestinais, gripes e resfriados, dores de cabeça, diarreia		
Total	5	100
Qual parte da planta utilizou?		
Raízes, folhas	2	40
Folhas, cascas	1	20
Raízes folhas, cascas	1	20
Folhas	1	20
Total	5	100
De que forma utilizou?		
Chá, macerado em água	2	40
Infusão, macerada em pasta	1	20
Chás, tintura a óleo	1	20
Chá, pasta, macerada em água, óleo	1	20
Total	5	100

Todos os sacerdotes alegaram já ter cuidado dos filhos da casa de candomblé com o uso de plantas. Os dados mostram que já foram tratados diversos acometimentos, os mais citados foram o tratamento de pele e ferimentos, inflamações e processos infecciosos, da mais simples como amigdalite a processos infecciosos mais complexos como a pneumonia. O mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) foi uma das plantas citadas para tratar pneumonia e infecções. A espécie *Chenopodium ambrosioides* é uma planta da família *Chenopodiaceae* que apresenta ampla distribuição no mundo inteiro, sendo uma das espécies mais utilizadas na medicina popular. Popularmente, é conhecida como erva de Santa Maria, mastruz ou mastruço, sendo bastante indicada para tratamento de feridas, inflamações da pele, contusões e fraturas¹².

Em relação a parte das plantas, observou-se que as folhas são as mais utilizadas, sendo citadas por 80% dos sacerdotes. Um estudo etnobotânico foi realizado no povoado de Manejo, situado em Lima Duarte (MG), a fim de se identificar o processo de manipulação das plantas medicinais. Através de questionários e visita a casa de moradores, constatou-se que as folhas são as mais utilizadas e a forma de preparo mais comum das plantas são os chás por infusão¹³.

Quanto à forma de uso das ervas e plantas, observou-se que o consumo de chás por via oral é muito frequente. Também foi mencionada a prática da maceração das folhas em água para usos tópicos. Os sacerdotes alegaram dar banho com a erva, usando extratos que eles mesmos prepararam a partir das ervas maceradas, infusões e óleos. Em 80 % dos entrevistados, apenas 1 alega nunca ter tratado animais não-humanos com plantas e ervas medicinais. Já os outros sacerdotes alegaram já ter usado plantas e ervas medicinais em animais.

A *Euphorbia hirta* (Erva-de-Santa-Luzia) se destacou pela sua atividade terapêutica, sendo utilizada no tratamento de distúrbios gastrointestinais, brônquicos e outras doenças respiratórias, conjuntivite, infecções nos olhos e para outras doenças que acometem mulheres^{14,15}. A *Euphorbia hirta* pode ser aproveitada no combate a parasitas intestinais, diarreia, úlceras pépticas, azia, vômitos, disenteria amebiana, asma, bronquite, febre dos fenos, espasmos laringeos, enfisema, tosse, constipações, cálculos renais, problemas menstruais, esterilidade, DSTs, doenças da pele e das membranas mucosas, incluindo (verrugas, sarna, tênia, aftas, aflições fúngicas, sarampo), como um antisséptico para tratar feridas, e conjuntivite. A planta tem uma reputação de um analgésico indicado na cura de fortes dores de cabeça, dor de dente, reumatismo, cólica e dores durante a gravidez. Também pode ser usada como antídoto e alívio da dor de picadas de escorpião e picadas de cobra¹⁶.

Em relação ao tratamento de animais, através dessas plantas, observou-se que 80% dos sacerdotes já utilizaram as ervas para fins terapêuticos. O uso de plantas medicinais na medicina veterinária já é bem evidente.

Na rotina, já é possível encontrar plantas medicinais no tratamento ou prevenção das enfermidades na criação de animais, como uma atividade transmitida através de gerações. Os responsáveis pelo uso contínuo são as pessoas da zona rural e muitos fatores têm contribuído para o aumento da utilização deste recurso. Alguns deles são o alto custo dos medicamentos industrializados e o difícil acesso da população à assistência médica, como também a tendência ao uso de produtos de origem natural¹⁷.

Em pesquisa realizada por meio de revisão bibliográfica descritiva e qualitativa, analisaram-se artigos, tese e dissertações em um período de até 10 anos antecedentes. O levantamento foi feito de julho a setembro de 2014. O intuito foi analisar estudos inovadores enfocando pesquisas experimentais e de resgate sociocultural que credenciam e promovam a formulação de novos fitoterápicos veterinários. Registraram-se as seguintes espécies fitoterápicas na terapia de animais de produção, *Allium sativum* L. (Alho), *Aloe vera* L. (Babosa), *Anacardium occidentale* (Cajuzeiro), *Aspidosperma pirifolium* (Pereiro), *Azadirachta indica* (Nim), *Chenopodium ambrosioides* (Mastruz), *Citrus limon* (Limão), *Curcubita pepo* (Jerimum), *Cymbopogon nardus* L. (Citronela), *Mentha piperita* (Hortelã), *Momordica charantia* (Melão de São Caetano), *Myracrodunon urundeuva* (Aroeira), *Operculina hamiltoni* (Batata de purga), *Peumus boldus* (Boldo), *Psidium guayava* (Goiabeira), *Zingiber officinale* (Gengibre) e *Zizyphus joazeiro* (Juazeiro). As indicações terapêuticas mais relatadas foram antiparasitárias (ectoparasitas e endoparasitas), cicatrizantes, antimicrobianas, repelente, antitérmica, anti-inflamatória, antidiarreica, antiemética, antiespasmódica, constipações e retenção de placenta¹⁸.

Observou-se que os sacerdotes já fizeram o uso de bredo, espinho de porco, São Gonçalinho, babosa, mirra, entre outras ervas e plantas no tratamento de seus animais (Tabela 2).

Tabela 2: Ervas e plantas usadas para tratar animais e partes das plantas mais usadas por sacerdotes no candomblé.

Variável	n	%
Se sim quais ervas usou?		
Bredo, espinho de porco (tete) São gonçálinho, tipi	1	25
Mastruz, xen-xen, aroeira	1	25
Erva-de- Santa- Luzia, caapeba, melão de são-caetano, colônia, babosa, hortelã-pimenta	1	25
Pião-Roxo, Mirra, boldo	1	25
Total	4	100
Qual parte da planta utilizou?		
folhas, caules	1	25
folhas, cascas	1	25
Folhas	2	50
Total	4	100
Usou de que modo?		
In natura	3	75
In natura, seco	1	25
Total	4	100
De que forma utilizou?		
macerada em forma de pasta	1	25
Unguentos tópicos e extratos da planta	1	25
Chá, macerada em água	1	25
Chá, sumo da folha	1	25
Total	4	100

Segundo os dados, as partes das plantas mais usadas no tratamento de animais não-humanos foram as folhas, in natura através de chás por via oral e usos tópicos diversos como extratos e maceração em água. A etnobotânica, como o nome sugere, estuda os conhecimentos botânicos transmitidos pelas etnias. Dentro das casas de candomblé é tradição receber os conhecimentos dos mais velhos para que possam transmiti-los às próximas gerações. Observou-se que os sacerdotes aprenderam a usar ervas com outros sacerdotes, assim como aprenderam a importância desse uso.

Podemos observar que os sacerdotes aprenderam a manipulação das ervas e folhas através de suas mães carnais, que também eram sacerdotisas, o que nos faz entender que grande parte dos sacerdotes aprendem suas práticas medicinais através de sua linhagem biológica e religiosa. Todos acreditam que é importante o resgate e estudo de seus costumes para a sociedade, como também a importância da etnobotânica na medicina veterinária e humana, o que nos faz perceber que esses conhecimentos podem ser usados na medicina de saúde única.

Na valorização da Etnobotânica e da Etnofarmacologia está a proteção à biodiversidade brasileira e ao patrimônio genético. Como dispõe a Lei 13.123/2015 que diz: “(...) O acesso ao patrimônio genético ou ao conhecimento tradicional associado será efetuado sem prejuízo dos direitos de propriedade material ou imaterial que incidam sobre o patrimônio genético ou sobre o conhecimento tradicional associado acessado ou sobre o local de sua ocorrência¹⁹.

De acordo com Camargo²⁰, o tratamento funcional é definido “com base no valor intrínseco que as plan-

tas encerram, considerando os componentes químicos, responsáveis pelas atividades biológicas, passíveis de verificação empírica.” (...) prevalece o pensamento passível de verificação empírica, visto que as plantas encerram princípios ativos, os quais variam segundo sua composição química e, conseqüentemente, na atividade biológica. Esta, todavia, não decorre de um só elemento químico presente, mas da ação sinérgica de todos os componentes presentes na planta toda, podendo, porém, estarem mais concentrados em uma ou mais partes dela, como: na raiz, no caule, na casca, na folha, na flor, no fruto e na semente, considerando, ainda, como as plantas são consumidas [...] ¹⁹

Segundo o trabalho realizado por Alvez ²¹, com o objetivo de compreender e analisar a etnobotânica nas religiões de Umbanda e Candomblé com fins medicinais, praticadas na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, foram realizadas visitas para coleta de dados a fim de preparar um catálogo com os seguintes itens: nome científico, família botânica, nome popular, uso religioso e terapêutico. O estudo pôde observar que das 53 espécies coletadas, apenas 12 delas foram citadas mais de uma vez: barbatimão e hortelã, citadas duas vezes; comigo-ninguém-pode e espada-de-são-jorge, três vezes; acoco, capim-cidreira e peregrum, quatro vezes; guiné, cinco vezes; arnica, seis vezes; manjerição; oito vezes: arruda e boldo com maior número de citações, treze vezes.

Segundo Araújo ²², que realizou um estudo de plantas utilizadas em ritos religiosos de matriz africana na comunidade de Campina Grande, PB, a utilização de chás foi majoritária, seguida de banhos. Assim, é possível sugerir que o uso de plantas para banhos nos terreiros é bastante comum. A justificativa em relação aos banhos serem mais citados é devido à facilidade de manuseio e rápida ação terapêutica, sendo a técnica que os médiuns mais recomendam aos praticantes para obter as ações das plantas.

Nem sempre o efeito esperado pode ser garantido. No que se refere a efeitos colaterais ou alergias sobre o uso indiscriminado de ervas e plantas, os dados a seguir da tabela mostram o que os sacerdotes responderam. Nunca houve um caso de intoxicação ou alergias no uso de ervas e plantas medicinais.

Os dados mostram que 100% dos sacerdotes entrevistados nunca sofreram ou causaram algum tipo de intoxicação por uso inadequado de plantas e ervas, também não aconteceu processo alérgico no uso de ervas e plantas, o que nos faz perceber que existe uma lógica racional no uso e cautela na transmissão do conhecimento etnobotânico a fim de evitar complicações ou efeitos colaterais. O uso das ervas e plantas é preciso e tem a acurácia necessária ao ponto dos sacerdotes escolherem a erva correta, tão quanto à dose correta para evitar casos de intoxicação ou de alergias. A forma de maior uso das plantas e ervas segundo os sacerdotes é através de chás por via oral e também banhos da erva. Segundo eles, tomar banho tem propriedades calmantes.

Segundo os sacerdotes, é possível tratar o emocional de um indivíduo usando ervas ou plantas. Dentre as plantas e ervas mencionadas, a mais citada foi o Mulungu (*Erythrina verna*) da família Fabaceae. O nome “Mulungu” é de origem africana. Muitas árvores do gênero *Erythrina* já eram conhecidas e utilizadas por povos bantos, tais como *E. abyssinica* (DC.) Lam., *E. caffra* Thumb., *E. tomentosa* (A. Rich.) R. Br., *E. senegalensis* Chevalier. Eram conhecidas por “mulungo”, “murungu” ou “mungu” ²³.

O uso das plantas medicinais como recurso terapêutico no tratamento da ansiedade e depressão vem apresentando uma opção viável em relação aos tratamentos com fármacos, tendo em vista que alguns pacientes não toleram os efeitos adversos ou não respondem aos tratamentos farmacológicos tradicionais ²⁴.

A espécie *Erythrina mulungu* (*E. mulungu*) tem ação sedativa, ansiolítica e anticonvulsivante, costuma ser utilizada nos casos mais leves de ansiedade. Na decocção são usadas partes do caule, cascas e flores, e no mercado fitoterápico é utilizado em conjunto com outros componentes como camomila, passiflora e valeriana para proporcionar um efeito mais potente ²⁵.

Em relação ao auto uso das ervas medicinais observou-se que os sacerdotes utilizam para vários fins (Tabela 3).

Tabela 3: Auto tratamento com ervas e plantas por sacerdotes no candomblé.

Variável	n	%
Você já se próprio tratou com o uso de ervas e plantas medicinais?		
Sim	5	100
Não		0
Total	5	100
Se sim, qual doença foi tratada?		
Infecção da garganta	1	20
Artrite	2	40
Diabetes, convulsões	1	20
Cefaleia, febre, dores no corpo	1	20
Total	5	100
Se sim, qual erva usou?		
Alecrin, Tipí	1	20
João-Mole	1	20
Sucupira, cúrcuma, erva baleeira, arnica	1	20
Pata de Vaca, Aranto	1	20
Pião-roxo, colônia, folha Anador	1	20
Total	5	100

De acordo com os dados, 100% dos sacerdotes alegaram já terem usado ervas e planta para se tratarem. As afecções mais comuns são infecções como amigdalite, dores musculares, dentre outras mais complexas como usar a planta “insulina” (*Cissus sicyoides*) e Pata-de-Vaca (*Bauhinia forficata*) para tratar diabetes. Essa utilização vem sendo bastante relatada na literatura, segundo o trabalho de Trojan²⁶ que, através de uma análise de estudos etnobotânicos, observou que *B. forficata* destacou-se dentre as plantas mencionadas popularmente para tratar diabetes mellitus no Estado do Rio Grande do Sul, o que comprova o uso medicinal fitoterápico alegado pelos sacerdotes.

Muitas plantas e ervas podem ser encontradas nas ruas e calçadas, e em sua grande parte possuem serventia medicinal. Os dados a seguir mostram o conhecimento dos sacerdotes sobre ervas e plantas que podem ser encontradas em calçadas, ruas e quintais.

Segundo as informações obtidas dentre as ervas e plantas mencionadas que podem ser encontradas em calçadas com muita facilidade, o Quebra-Pedra (*Phyllanthus niruri L.*) destacou-se, pois 80% dos entrevistados mencionaram a facilidade de encontrar em ruas, calçadas e quintais. O uso na forma de chá obtido por infusão do material fresco ou seco da *Phyllanthus niruri L.* proveniente das folhas, partes aéreas ou planta inteira, é recomendado pela medicina alternativa para o tratamento de litíase renal, o que comprova o uso popular dito pelos sacerdotes²⁷.

Segundo Bonaterra²⁸, a erva de São-João (*Hypericum perforatum*) da família Hypericaceae apresenta capacidade citoprotetora, neutrófica e anti-inflamatória. No ramo farmacêutico, ao analisar os estudos de diversos fitoterápicos, identificou o uso da *Hypericum perforatum* como tratamento antidepressivo, tornando-o eficaz, atuando como inibidor seletivo da serotonina, noradrenalina e dopamina, através da hipericina e hiperforina, que tem efeito na regulação do humor²⁹.

A planta (*Pilea microphylla*) da família Urticaceae, comumente conhecida como erva daninha de artilharia, erva daninha ou planta da pólvora e popularmente conhecida no Brasil por Língua-de-sapo, brilhantina, mil homens, é nativa do México e da América do Sul tropical. É utilizada principalmente em jardins e paisagens como folhagem ou planta ornamental de cobertura do solo, mas também para muitos usos etnobotânicos. No presente, é considerada uma erva daninha problemática que afeta regiões tropicais e subtropicais em todo o mundo. Estudos realizados dizem que a *Pilea microphylla* tem efeito antioxidante, antidiabético, radioprotetor, antimicrobiano, crioprotetor, propriedades antigenotóxicas e antidepressivas.

CONCLUSÃO

Observou-se que os sacerdotes utilizam diversas plantas e ervas medicinais para várias sintomatologias, desde a usos tópicos a usos orais, tanto em humanos quanto em animais. O que nos traz a possibilidade do uso desses conhecimentos na medicina de saúde única.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INGOLD, T. Anthropology contra ethnography. São Paulo, HAU: Journal of ethnographic theory, 2017.
 2. ROSA, C. Representações e intenção de uso da fitoterapia na atenção básica à saúde. Ciências e Saúde Coletiva, 2011.
 3. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso (2ª ed.). Brasília, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. 2015.
 4. MONTEIRO, M. V. B, et al. Metodologia aplicada a levantamentos Etnoveterinários. Veter Foco Canoas, 2011.
 5. ALBUQUERQUE, ULYSSES P. DE E ANDRADE, LAÍSE DE H. C. As plantas na medicina e magia dos cultos afro-brasileiros. In.: ____ ALBUQUERQUE, Ulysses (Org.). Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas. Recife: NUPPEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. p.51.
 6. PEREIRA, R. C.A; MOREIRA, A. L. M. Manjerição cultivo e utilização. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- Fortaleza, 31 p.; 2011
 7. CUNHA DOS SANTOS F. C, SILVEIRA FLORES VOGEL F., GONZALEZ MONTEIRO S. Efeito do óleo essencial de manjerição (*Ocimum basilicum* L.) sobre o carrapato bovino *Rhipicephalus* (*Boophilus*) *microplus* em ensaios in vitro. Semina: Ciências Agrárias, 2012.
 8. ETTINELLI, J. A.; SOARES, B. O.; COLLIN, M. et al. Criotolerância de embriões somáticos da Guiné (*Petiveria alliacea*) à técnica de crioplasca V e análise histológica de sua integridade estrutural. *Acta Physiol Plant*, v. 42, n. 40 2020.
 9. RAMOS, MANUELLA ALVES; MACHADO, LEVI POMPERMAYER. POTENCIAL ANTIFÚNGICO DE TIPI (*Petiveria alliacea* L.) EM FUNGOS DE *Aspergillus flavus*. *Revista Científica FAESA*, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 32 - 41, jul. 2020.
 10. CRUZ, B. P.; CHEDIER, L. M.; PEIXOTO, P. H. P; FABRI, R. L.; PIMENTA, D. S. Effects of light intensity on the distribution of anthocyanins in *Kalanchoe brasiliensis* Camb. and *Kalanchoe pinnata* (Lamk.) Pers. *Annals of the Brazilian Academy of Sciences*, v.84, n.1, p.211-217, 2012.
 11. DAMASCENO, G. A. B. Obtenção de Extratos da *Opuntia ficus-indica* (L.) Mill e suas Aplicações em Formulações Cosméticas: Avaliação in vivo do Sensorial e da Eficácia Hidratante. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) -Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
- OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos morado-

12. TRINDADE, R. C. P., FERREIRA, E. S., GOMES, I. B., SILVA, L., SANT'ANA, A. E. G., BROGLIO, S. M. F., e SILVA, M. Extratos aquosos de inhame (*Dioscorea rotundata* Poirr.) e de mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) no desenvolvimento da lagarta-do-cartucho-do-milho *Spodoptera frugiperda* (JE Smith, 1797). *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, 2015.
13. OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo. Lima Duarte – MG, 2011.
14. AKOMAS S.C, IJIOMA S.N AND EMELIKE C.U. Effect of *Euphorbia hirta* on haematological and biochemical indices in albino rats. *Applied Journal of Hygiene* 2015; 4 (1): 1-5.
15. SAEED-UL-HASSAN S, et. al. Isolation and characterization of irritant components of *Euphorbia pilulifera* L. *Pak J Pharm Sci* 2013; .26(1):31-37.
16. PING K.Y et. al. Acute and subchronic toxicity study of *Euphorbia hirta* L. methanol extract in rats. Hindawi Publishing Corporation BioMed Research International, 2013.
17. BERNARDES, C. A. C. G.; SILVA, F. A.; MOLEIRO, F. C. Uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro Cohab Tarumã, Tangará da Serra, MT para o tratamento da alergia ou de seus sintomas. *Revista Biofar*, v. 6, p. 16-172, 2011.
18. MENDONÇA, V. M. et al. Perspectivas da Fitoterapia Veterinária: Plantas Potenciais na Terapia dos Animais de Produção. *Cadernos de Agroecologia*, v. 9, n. 4, 2015.
19. BRASIL. Proteção à biodiversidade brasileira e ao patrimônio genético, Lei 13.123/2015. BRASIL, 2015.
20. CAMARGO, M. T. L. A. As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2014.
21. ALVEZ, K. C. H; POVH, J. A; PORTUGUEZ A. P. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba. Minas gerais, brasil, 2019.
22. ARAUJO, W. Através da terra: estudo de plantas utilizadas em rituais de cura por participantes de cultos religiosos de matriz africana em Campina Grande – PB. Faculdade de História, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2014.
23. CAMARGO M.T.L.A. Contribuição ao estudo etnobotânico de plantas do gênero *Erythrina* usadas em rituais de religiões afro-brasileiras. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 1997.
24. SILVA, S. T.; SILVA, J. E. S. Benefícios das plantas medicinais no tratamento da ansiedade e depressão. In: *Trajectoria e Pesquisas nas Ciências Farmacêuticas*, 2021.
25. DOUGLAS F.R. Determinação dos parâmetros para controle de qualidade de *Erythrina Verna* Vell. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Farmácia, 2011.
26. TROJAN-RODRIGUES M, ALVES, T.L.S, SOARES, G.L.G, RITTER. Plants used as antidiabetics in popular medicine in Rio Grande do Sul, southern Brazil. *J Ethnopharmacol. Journal of Ethnopharmacology*, 2012.
27. SALEEM Q.E, et al. Clinical evaluation of herbal coded formulation urolith for treatment of urolithiasis. *Jour-*

Journal of Pharmacy and Pharmacology, 2012.

28. XUE-JIA, Z.; FEN, C.; CHEN, C.; CHAO-RAN, Z.; YONG-NING, L. LC-MS/MS based studies on the anti-depressant effect of hypericin in the chronic unpredictable mild stress rat model. *Journal of Ethnopharmacology*, 2015.

29. MODARRESI CHAHARDEHI A, IBRAHIM D, FARIZA SULAIMAN S. Antioxidant, antimicrobial activity and toxicity test of *Pilea microphylla*. *International journal of microbiology*, 2010.